

Entrevista de José da Silva Lopes: a evolução da política económica e social em Portugal (Lisboa, 23 Outubro 2007)

Source: Interview de José da Silva Lopes / JOSÉ DA SILVA LOPES, Miriam Mateus, prise de vue : François Fabert.- Lisbonne: CVCE [Prod.], 23.11.2007. CVCE, Sanem. - VIDEO (00:05:24, Couleur, Son original).

Copyright: Transcription Centre Virtuel de la Connaissance sur l'Europe (CVCE)
All rights of reproduction, of public communication, of adaptation, of distribution or of dissemination via Internet, internal network or any other means are strictly reserved in all countries.
Consult the legal notice and the terms and conditions of use regarding this site.

URL:

http://www.cvce.eu/obj/entrevista_de_jose_da_silva_lopes_a_evolucao_da_politica_economica_e_social_em_portugal_lisboa_23_outubro_2007-pt-cf18946d-8b90-412b-abe4-72c24fd58of4.html



Last updated: 04/07/2016

Entrevista de José da Silva Lopes: a evolução da política económica e social em Portugal (Lisboa, 23 Outubro 2007)

[Miriam Mateus] O senhor doutor exerceu responsabilidades importantes no domínio económico nacional, europeu e até mesmo mundial, foi também ministro das Finanças após o 25 de Abril, nos governos provisórios. Podemos então dizer que tem uma visão geral da situação económica e monetária portuguesa. Como é que a situação económica do país evoluiu nestes últimos trinta anos?

[José Silva Lopes] Bem, Portugal – já lhe disse há pouco –, durante os treze anos dourados, de 1960 a 1973, foi um sucesso. Mas não foi só Portugal, foi também a Grécia, foi também a Espanha, foi também a Jugoslávia naquela altura. Foram países que eram, digamos, periféricos em relação ao centro da Europa e que tiveram todos eles um crescimento fabuloso. Nós também tivemos.

A seguir ao 25 de Abril, o crescimento económico passou a ser muito mais lento em todos estes países. Na Espanha, em Portugal... a Jugoslávia, enfim, até depois acabou por se desagregar. E portanto, se compararmos o ritmo de crescimento económico de Portugal de 1974 até agora com os treze anos anteriores, é claro que foi menor. Mas foi, pelo menos até 2001 – é melhor a gente marcar a data de 2001 –, entre 1974 e 2001, Portugal foi dos países da Europa que cresceu mais. A Irlanda passou à frente, mas Portugal cresceu muito mais do que a média. E portanto, em termos relativos, Portugal melhorou no ponto de vista puramente económico, embora continuasse a ser um dos países mais pobres da Europa, mas melhorou em termos relativos. É claro que tivemos a princípio... com a revolução, houve um período de perturbações... Portanto, até divergimos em relação à Europa no princípio, mas depois começamos a recuperar por meados da década de 1980 e recuperamos bastante até 2001.

Portanto, do ponto de vista económico, as coisas não se passaram mal, passaram-se até relativamente bem. Não foi nenhum milagre como o irlandês, mas passaram-se relativamente bem no ponto de vista puramente económico. Onde houve grandes progressos foi no ponto de vista da política social. No tempo do Estado Novo, tínhamos pouca política social. Cá em Portugal havia pouca política social, não quer dizer que não houvesse alguma, mas havia pouca. O sistema de segurança social não abrangia toda a população, abrangia só uma parte; o sistema de saúde era muito restrito; o próprio sistema de educação, não era muito extenso.

A grande transformação introduzida pelo novo regime político foi dar um grande impulso às políticas sociais. Nós passamos a ter um serviço nacional de saúde que, enfim, não é mau, não será um dos melhores da Europa, mas não é mau. Nalguns aspectos, vale mais ser português do que ser americano, pelo menos certas classes sociais. Quer dizer, um americano rico tem melhores cuidados de saúde do que um português, mesmo que seja rico; bem, o rico português também vai aos serviços americanos se for preciso. Mas um português pobre tem melhor serviço de saúde do que um pobre americano, disso não tenhamos dúvidas nenhuma. Portanto, nesse aspecto progredimos.

No caso da educação também gastámos muito mais. Hoje temos muita mais gente a fazer educação, embora a qualidade já seja uma coisa mais discutível, mas também progredimos bastante. No caso da segurança social, nós hoje temos pensões baixas porque o país é pobre. Pensões baixas, enfim... baixas para a maioria, não quer dizer para todos. O país é pobre, mas tem um sistema de segurança social que, apesar de tudo, também digo que é melhor do que nalguns países mais ricos do que nós.

Portanto, melhoramos algumas coisas. Eu, quando estou a dizer que o nosso sistema de segurança social é melhor do que nalguns países mais ricos do que Portugal, não quer dizer que não haja, em meu entender, segurança social financiada pelo contribuinte que seja razoável. Há segurança social financiada pelos contribuintes que garante níveis de rendimento que, em meu entender, não deveriam ser aceitáveis, mas isso é outra coisa. De uma maneira geral, a gente progrediu muito na política social, embora com consequências depois no sector financeiro às vezes complicadas.

Mas as razões pelas quais temos um desequilíbrio grande nas finanças públicas – toda a gente fala nos nossos défices, da maneira como a gente quebra os compromissos de Maastricht, etc. –, em parte, tem a ver com a falta de alguma disciplina nas nossas despesas públicas, incluindo as despesas de segurança social.

Mas eu acho que foi um grande progresso.

Portanto, as coisas correram muito bem até 2001. De 2001 para cá tem corrido muito mal; como sabe, Portugal é o país da Europa que tem crescido menos desde de 2001 para cá. Agora, a culpa não é da Europa, a culpa é nossa. A culpa é da nossa incapacidade e, volto a dizer, da incapacidade colectiva, não é só dos governos; é dos governos, é dos empresários, é dos trabalhadores, é de toda a gente... é dos nossos costumes, dos nossos brandos costumes que são um perigo para a economia nacional, mas enfim...